

ÍNDICE

Explicações Preliminares:	5
Vida e Morte:	11
Necessidade dos Atos da Vontade:	29
Viver é Sofrer:	64
Continuidade da Dor:	70
Extremos da Vida Humana:	84
Confirma-se Que Viver é Sofrer:	91
Afirmção do Querer-Viver:	96
Origem do Egoísmo:	104
A Justiça Humana:	108
A Justiça Eterna:	135
Consciência da Justiça Eterna:	146
Bondade e Maldade:	150
Virtude:	163
Amor Puro e Piedade:	175
Negação do Querer-Viver:	180
O Suicídio:	212
Liberdade da Vontade:	219
O Nada:	229
Notas:	235

**O MUNDO COMO
VONTADE E REPRESENTAÇÃO
LIVRO IV**



SCHOPENHAUER

EXPLICAÇÕES PRELIMINARES

Esta parte do nosso estudo apresenta-se como a mais grave, em virtude de ser atinente às ações humanas, o que é um argumento que nos toca diretamente e ao qual ninguém pode permanecer estranho ou indiferente; muito ao contrário, é tão natural no homem o fato de tudo referir à conduta humana que, em seguindo o que quer que seja, é sempre a parte referente a essa conduta que ele considera como o escopo das suas investigações, por pouco que a matéria lhe interesse, e é este ponto que tem por hábito fixar a mais séria atenção, ainda quando descure de todos os outros. Neste sentido e, consoante uma expressão comum, a parte de que vamos ocupar-nos se denominaria filosofia prática, em oposição à filosofia teórica de que até aqui tratamos. Na minha opinião, entretanto, a filosofia é sempre teórica; porquanto, o que está na sua essência, qualquer que seja o objeto da sua investigação, é manter-se exclusivamente no terreno da observação e da análise, e não no de ditar preceitos. Atentar para o sentido de tomar-se prática, querer guiar a conduta e reformar os caracteres são pretensões que já viveram o seu tempo; em nossos dias, educada pela experiência, a filosofia deveria pôr à margem tais pretensões; pois que, quando se trata do valor ou da nulidade da existência, da salvação ou da perdição, não serão certamente as frias abstrações da filosofia as mais

próprias a fazerem lastro na balança, senão que aquilo que para isso concorre é a própria natureza do homem, o demônio que o dirige sem se ter imposto, o qual, ao contrário, foi o próprio homem que chamou sobre si, como diz Platão, – o seu caráter inteligível, como diz Kant. – A virtude e o gênio são coisas que não se ensinam; para eles a noção é infrutífera, tanto quanto para a Arte, e pode quando muito servir de instrumento. Seria tão insensato querer que os nossos sistemas de moral fabricassem gente virtuosa, nobre, santa, como pretender que os nossos tratados de estética criassem poetas, escultores ou pintores.

A filosofia não pode fazer outra coisa que não seja interpretar e explicar aquilo que é; ela deve dar à Razão o conhecimento claro e exato da essência do mundo, que sob forma concreta, ou seja no domínio do sentimento, todos compreendem às mil maravilhas; mas tal interpretação quer ser apresentada sob todas as relações e sob todos os pontos de vista. Por consequência, tudo quanto procurei explicar nos três livros precedentes, com a generalidade própria da filosofia e com outras considerações, procurei agora demonstrar do mesmo modo nesta quarta parte, sob o ponto de vista da conduta humana: ver-se-á, como linhas acima dizia, que este lado do mundo, julgado não apenas subjetiva, mas também objetivamente, é de todos o mais importante. Nas considerações que seguem permanecerei fiel ao método até aqui seguido, baseando-me sempre sobre o que precede, bem como sobre dados admitidos: o pensamento único, que constitui a substância de toda a obra e que desenvolvi sob todos os outros aspectos, será estudado agora na sua relação com a conduta do homem e, deste modo, terei esgotado tudo quanto estou em

condições de fazer para dar a este respeito a exposição mais completa possível.(1)

O nosso ponto de vista, bem como o método anunciado, deixam perceber suficientemente que, deste livro sobre a ética, não se devem esperar preceitos ou tratados de moral; e muito menos tenho eu a intenção de fornecer um princípio geral ou uma espécie de receita universal susceptível de criar todas as virtudes. E nem mesmo tratarei do ‘dever incondicionado’ visto que tal “dever”, como explico na seqüência deste livro, inclui uma contradição; nem uma “lei da liberdade” que está no mesmo caso. Dum modo geral não falarei em “dever”, esta linguagem só se usa quando se dirige a rapazes ou a povos ainda infantis, e nunca a homens que se apoderaram de todas as luzes dum século que atingiu o seu mais perfeito desenvolvimento. E não é, porventura, uma contradição perfeitamente palpável, o dizer que a vontade é livre e ao mesmo tempo prescrever-lhe leis segundo as quais deve querer? – Dever querer! – E o mesmo que falar em madeira de ferro! – De acordo com o conjunto dos nossos pontos de vista, a vontade é, não somente livre, mas também onipotente; e produz não somente a sua conduta, como também o seu mundo; tal a vontade qual a ação e qual o seu mundo; ambas não são senão vontade consciente de si própria e nada mais; a vontade se determina a si mesma e determina com isto a conduta e o mundo, por isso que sem ela nada existe: Compreendida assim, a vontade é verdadeiramente autônoma; compreendida doutro modo, é heterogênea. Nossas investigações filosóficas só podem tender à interpretação da conduta humana e das máximas tão variadas e contraditórias de que é a expressão viva, explicá-las na sua essência e na sua substância,

referindo-as às nossas considerações precedentes e conforme temos feito até aqui a respeito de todos os outros fenômenos do mundo, reduzi-las a noções abstratas, bem inteligíveis. Nossa filosofia continuará na “imanência”: Fiel às grandes lições de Kant, não se servirá das formas do fenômeno, das quais o princípio da “razão suficiente” é a expressão geral, como dum apoio para saltar por cima do próprio fenômeno, que é coisa que só lhe poderia dar um significado, para atingir o domínio inconfinado das ficções vazias, O mundo real e visível, em que vivemos e que vive em nós, continuará a ser o sujeito constante e o limite das nossas pesquisas: este mundo é suficientemente rico de conteúdo, de tal modo que não poderão exauri-lo as mais profundas investigações de que é capaz o espírito humano. E pois que para as nossas presentes considerações morais. tanto quanto para as anteriores, o mundo real e cognoscível não nos deixará nunca faltar matéria e realidade, não teremos necessidade de recorrer a conceitos negativos e vazios, para depois nos iludir a nós mesmos, com a possibilidade de ter dito alguma coisa, se falássemos com gravidade de “absoluto”, de “infinito” de “supersensível” ou de outras negações duma tal espécie “Nenhuma noção é obscura fora nome negativo”, (Jul. or. 5), conceitos que com mais brevidade poderiam denominar-se, em seu conjunto, “cidade dos pássaros volantes.”

Não! Bem podemos dispensar-nos do trabalho de servir-nos desses pratos cobertos mas vazios; e finalmente, agora como dantes, não vamos contar histórias para fazê-las passar por filosofia. Porquanto é minha opinião que está ainda infinitamente longe de possuir um conhecimento filosófico do mundo, aquele

que imagina poder apreender-lhe a essência “historicamente” sob qualquer forma que seja, e quaisquer que sejam as finuras que use em dissimulá-lo; tal, porém, é o caso do momento em que esse tal, na idéia que forma da natureza das coisas em si, faz intervir a noção dum vir-a-ser, no presente, no passado ou no futuro; do momento em que “antes” e “depois” têm para ele o mesmo significado; do momento em que, em seguida, aberta ou hipocritamente, procura e descobre o ponto onde começa o mundo e o ponto onde acaba, com o caminho que vai de um a outro; e do momento em que, com mais razão ainda, o indivíduo que acredita fazer assim filosofia, sabe indicar de que modo o homem veio a ser posto nesta vida. Semelhantes sistemas históricos conduzem geralmente a uma cosmogonia da qual se dão muitas variedades; ou também uma doutrina de emanção, coisa já sem prestígio; ou finalmente, quando desesperados por tantas tentativas inúteis feitas nesse sentido, se é lançado para a última que resta, resulta uma teoria da criação perpétua, da descendência, da geração, do aparecimento à luz do dia, oriundo do seio da noite, ou do escuro abismo, ou da matéria-prima, ou do caos sem fundo, e mil outras extravagâncias da mesma natureza, fáceis aliás de cortar pela raiz: Tenha-se em conta que toda uma eternidade, isto é, um tempo infinito tendo decorrido até ao momento presente, tudo quanto podia e devia nascer, já deve ter nascido. Isto porque, todos estes sistemas históricos, por maior que seja a importância de que pretendam inflar-se, como se Kant nunca tivesse existido, tomam o tempo como um atributo da coisa em si, e não vão além daquilo que Kant chama o fenômeno em oposição à coisa em si, ou daquilo que Platão chama “o que sempre se torna, mas nunca é”,

em oposição àquilo que é e não se torna nunca, ou enfim, daquilo que os índios chamavam o “tecido de Maya”; eis precisamente o que caracteriza o conhecimento submetido ao princípio da razão, por meio da qual nunca se chega à essência íntima das coisas e se seguem eternamente fenômenos, apenas; deste modo se é agitado sem trégua e sem finalidade tal como certos rocinantes fechados na sua roda, até que, cansados de tanto giro, se faça paragem num ponto qualquer, arbitrariamente escolhido, em alto ou em baixo, e que se quer depois constranger os outros a aceitar com o mesmo respeito. A única maneira verdadeiramente filosófica de considerar as coisas, a maneira que nos ensina a conhecer-lhes a essência e que nos conduz para além do fenômeno, é precisamente aquela que não se preocupa com saber donde vem o mundo, para onde vai ou porque existe, mas examina unicamente aquilo que é, sem olhar as coisas do ponto de vista das suas relações, dos seus princípios ou dos seus fins, numa palavra, sem as estudar sob qualquer categoria do princípio de razão, – antes, ao contrário, tomando por objeto da sua investigação, aquilo mesmo que sobra das coisas que foram estudadas segundo este princípio, suas idéias, a essência do mundo que aparece nas relações sem lhes estar sujeita e que permanece sempre idêntica a si própria. Sim, é tal conhecimento que nos conduz à filosofia; e tal como o vimos dar origem à arte assim também no presente livro veremos que é ele a fonte donde dimana essa disposição psíquica, que é a única capaz de conduzir à verdadeira santidade e à salvação.

VIDA E MORTE(1)

Espero que os três primeiros livros hajam feito compreender que o mundo como representação é o espelho da vontade, no qual a vontade se reconhece a si mesma com uma clareza e uma precisão que vão gradualmente crescendo: no homem esta consciência atinge a perfeição, mas a essência do homem não encontra a sua expressão completa, salvo na concatenação das ações que ele pratica e é a razão que torna o indivíduo capaz de abranger de relance e inabstrato a unidade consciente da sua conduta.

A vontade, considerada puramente em si mesma, é inconsciente; é uma simples tendência, cega e irresistível, a qual encontramos tanto na natureza do reino inorgânico e do vegetal e nas suas leis, como também na parte vegetativa da nossa vida: mas pelo acréscimo do mundo da representação que se desenvolveu pelo seu uso, ela adquire a consciência do seu querer e do objeto do seu querer; reconhece que aquilo que quer não é outra coisa senão o mundo e a vida como são; dizemos, por isso, que o mundo visível é a sua imagem ou a sua objetividade; e como o que a vontade quer é sempre a vida, pois que a vida para a representação é a manifestação da vontade, resulta que é indiferente e constitui puro pleonasma se em vez de dizer simplesmente “a vontade”, dissermos “a vontade de viver”.

Sendo a vontade a coisa em si, a substância, a essência do mundo; e a vida, o mundo visível, o

fenômeno, não sendo mais que o espelho da vontade, segue-se daí que a vida acompanhará a vontade com a mesma inseparabilidade com que a sombra acompanha o corpo: onde houver vontade, haverá também vida, mundo. A vida está, portanto, assegurada ao querer-viver, e por quanto isto subsista em nós, não devemos preocupar-nos pela nossa existência nem mesmo diante da morte. Bem vemos o indivíduo nascer e morrer, mas o indivíduo é apenas um fenômeno; não existe senão pelo conhecimento submetido ao princípio de razão, que é o princípio de individuação: nesta ordem de idéias, certamente o indivíduo recebe a vida como um dom: oriundo do nada e despojado do seu dom pela morte, ao nada retoma. Mas para quem, como nós, contempla a vida do ponto de vista filosófico, isto é, das Idéias, nem a vontade ou a coisa em si de todos os fenômenos, nem o sujeito dos conhecimentos, espectador dos fenômenos, são de qualquer forma tocados pelo nascimento ou pela morte. Nascer e morrer são coisas que pertencem ao fenômeno da vontade, e aparecem nas criaturas individuais, manifestando fugitivamente e no tempo, aquilo que em si não conhece tempo e deve exatamente manifestar-se sob esta forma com o fim de poder objetivar a sua verdadeira natureza. Pela mesma razão, nascimento e morte pertencem à vida e equilibram-se mutuamente como condições recíprocas, ou melhor, como pólos do fenômeno total. A mitologia hindu, entre todas a mais sábia, exprime este pensamento, dando por atributo a Çiva que simboliza a destruição ou a morte (como Brama, o deus ínfimo e pecador da Trimurti, simboliza a procriação, o nascimento e Vishnu simboliza a conservação), o colar dos mortos, juntamente com o Lingam, símbolo da geração, o qual conseguintemente

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

